

O PHUBBING NO AMBIENTE ESCOLAR: A DEPENDÊNCIA TECNOLÓGICA E OS REFLEXOS NA EDUCAÇÃO.

Carlos Felipe da Silva Melo ¹
Francisca Valéria de Souza Duarte ²
Cianir Mendonça dos Santos ³

INTRODUÇÃO

Este trabalho aborda sobre os aspectos comportamentais dos discentes com relação a dependência tecnológica, trazendo a reflexão sobre a prática do *phubbing* na escola e como isso prejudica na comunicação, na atenção em sala de aula e no rendimento dos discentes, trazendo impactos no processo de ensino e aprendizagem.

Phubbing é um termo que designa o ato de ignorar alguém para dar atenção ao celular, oriunda das palavras *snubbing* (ignorar) e *phone* (telefone). A falta de controle no uso do celular tem refletido negativamente no ambiente escolar, é comum para alguns professores encontrar alunos utilizando fones de ouvido, verificando as redes sociais, trocando mensagens, acessando jogos durante a aula, gerando inquietação nos docentes, uma vez, que muito tempo é desperdiçado chamando a atenção dos alunos que muitas vezes de modo intencional ou não, praticam o *phubbing* com os professores e até mesmo com colegas de turma em sala de aula, quando priorizam o uso do celular.

Diante da atual conjuntura, buscou-se a compreender o conceito de *Phubbing*, assim como pesquisar como esse tipo de comportamento pode impactar no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula, além de propor alternativas para mitigar essa problemática no ambiente escolar sugerindo atitudes que podem ser tomadas para reduzir tal comportamento no âmbito escolar.

Para compreender a dimensão comportamental inerente ao *Phubbing*, foi realizada a propedêutica referente a temática, assim como foi aplicado um questionário com a participação de 52 docentes de diferentes disciplinas e 100 discentes do ensino médio, com a pesquisa e a coleta de dados foi perceptível o quando esse comportamento tem prejudicado e vem interferindo cada vez mais na atenção dos alunos em sala de aula.

¹ Especialista em Letramento Digital pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA) - AM, carlos.felipe.edu20@gmail.com;

² Especialista em Ensino da Língua Inglesa e Literatura Anglo-Americana pelo Centro Universitário do Norte (UNINORTE) - AM, valeria.fvsm7@gmail.com;

³ Mestra em Zoologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM) - AM, cianirbio@email.com.

Nesse contexto, o trabalho elenca alternativas para a redução desse comportamento, a partir da percepção do *phubber*, mudanças de hábitos em casa, normas internas da instituição de ensino e leis que proíbam a utilização do celular durante a aula.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Primeiro foi identificado o *phubbing* em sala de aula por meio da observação e pesquisa bibliográfica sobre a temática, em segundo foram realizados os debates e questionários com 52 docentes de 12 disciplinas e 100 discentes do ensino médio para a coleta de dados – para a realização da análise comportamental em sala de aula, bem como saber o que motiva essa prática no ambiente escolar e que atitudes tomar para reduzir esse problema. Trata-se de uma pesquisa-ação de caráter qualitativo, na área de educação e tecnologia, foram utilizados na pesquisa os seguintes materiais: computador, celular, notebook, caderno para anotações e formulário com o uso do Google Forms.

REFERENCIAL TEÓRICO

O conceito de Phubbing

O *phubbing* é um fenômeno social que acarreta ao indivíduo, um sentimento de rejeição, onde para o *phubber* (pessoa que comete a ação) prevalece a escolha de manter a atenção a um dispositivo móvel ao invés de interagir de forma presencial com as pessoas. Por mais que a pessoa esteja em grupo, ela pode se sentir isolada, se cada pessoa do grupo estiver interagindo de forma virtual. O comportamento de *Phubbing* (CP) consiste no ato de ignorar alguém em uma situação social para dar atenção no uso do celular, onde prevalece a preferência no uso do aparelho do que a interação comunicativa interpessoal (SANTOS, 2023, P. 40).

Gracia *et al.* (2012, p. 10) deduzem que *phubbing* é um fenômeno que interfere na comunicação e nas relações sociais, onde a atitude de ignorar a outrem resulta em uma forma de interferência tecnológica. Gómez (2013, p. 23) a define como “o ato de desprezar a quem nos acompanha, para dar atenção a um celular ou outros aparelhos similares ao invés da pessoa”. Soares *et al.* (2020, p. 179) pontuam que o neologismo *phubbing* foi constituído pela junção das palavras inglesas *phone* (telefone) e *snubbing* (esnobar), a partir de uma campanha publicitária realizada pelo Macquarie Dictionary, na

busca de uma palavra que pudesse denotar o ato de ignorar alguém em razão do uso de uma tecnologia móvel.

Nesse contexto, a atenção pode ser desviada por várias razões, o *phubber* pode estar acessando as redes sociais, jogando, ouvindo música, verificando e-mails, escrevendo uma mensagem, fazendo uma chamada telefônica, ou simplesmente o faz propositalmente por não querer interagir com a pessoa. Soares (2020, p. 201) argumenta que a prática do *phubbing* é real, intencionalmente ou não, no entanto os indivíduos, encontram-se por vezes tão imersos no mundo virtual e acostumados com esse novo padrão de comportamentos (que inclusive praticam), que sequer se importam em serem ignorados ou ignorarem outrem em situações presenciais

Costa (2020) adverte quanto aos impactos da *captologia*, evidenciado pela interferência dos ecrãs na captura da atenção, há um mercado de atenção que gira em torno de um conjunto de técnicas e efeitos psicossociais sutis que funcionam como gatilhos deixando o sujeito constantemente à procura de recompensas imediatas ou gratificações instantâneas que o induzem a perturbações no desenvolvimento de autocontrole. Segundo o autor, o combate pela atenção é dinamizado pela tríade “ecrã-algoritmos, sujeito e outro”. Nesse caso, o dispositivo móvel apresenta estímulos de forma contínua com técnicas de recomendações online de produtos ou conteúdos, anúncios em tempo real, sugestões de séries e filmes, resultados personalizados apresentados no feed da rede social etc.

Hoje, a atenção é tão valiosa que se tornou um dos maiores ativos no mercado, prova disso é o aumento expressivo de influencers, youtubers e gamers que buscam maior engajamento digital para promover cursos, conteúdos diversos, eventos, campanhas etc., além disso, os investimentos massivos para o desenvolvimento de jogos, aplicativos, softwares de apostas e e-commerce que cada vez mais se utilizam de estudos no campo da inteligência artificial (IA), inteligência das coisas (IoT) e a inteligência do comportamento (IoB), para captar informações sobre cada usuário e desenvolver outros produtos e serviços de acordo a preferência do indivíduo. Isso explica um aparelho móvel prender tanto a atenção dos usuários. O preocupante, é que o uso constante do celular causa o *phubbing*, e esse comportamento tem começado cada vez mais cedo.

É comum observar, de forma majoritária, as pessoas utilizarem seus smartphone enquanto caminham, dirigem, ou inclusive em momentos de interação social, como em reuniões e refeições com o companheiro (a) ou

amigos. Da mesma forma, é cada vez mais comum que famílias inteiras compartilhem momentos juntos, mas cada membro se encontre distraído na tela de um dispositivo tecnológico. (MARTINEZ-ROIG et al., 2023, p. 67).

O crescente aumento nos estudos ligados ao comportamento humano frente ao uso de tecnologias, indicam o quanto o tema é relevante na sociedade atual. Pois, em detrimento da atenção excessiva ao celular, há uma ruptura na comunicação com outras pessoas, ocorre o desvio de atenção em situações adversas, resulta no isolamento social, dentre outros fatores. Prova disso, é o quantitativo de acidentes de trânsito devido à falta de atenção, a queda do rendimento escolar dos alunos e a desconexão familiar em casa.

O *Phubbing* e os impactos no processo de ensino e aprendizagem em sala de aula.

A déficit de atenção familiar, escolar e profissional em detrimento do *phubbing*, tem refletido cada vez mais na sala de aula. É comum adentrar a uma sala de aula com alunos sonolento, por dormir tarde devido ao uso desenfreado das redes sociais; alguns com os olhos fitados na tela do celular, outros com o fone de ouvido e os demais em outras atividades com o uso de aparelho móvel. Nessa conjuntura, percebemos o quanto desafiador tem sido para os docentes competir com tecnologias de uma geração plugada em entretenimento, no lazer, e cada vez mais sem compromisso com os estudos, considerando o rendimento dos alunos que praticam o *phubbing* em sala de aula.

Os nativos digitais crescem na rapidez dos videogames, na instantaneidade do hipertexto, dos *downloads* de músicas e jogos, de músicas e jogos, com celulares nos bolsos, bibliotecas de *e-books* e mensagens instantâneas, conectados o tempo todo, têm pouca paciência para aulas expositivas, lógicas passo a passo e instruções para testes”. (SILVA, 2013, p. 141).

Para Gracia (2021, p. 10) é fundamental reconhecer que “o *phubbing* é um fenômeno que interfere na comunicação na sala de aula”, na busca de estratégias para estabelecer a atenção nas aulas e utilização do celular de forma responsável. Teixeira e Freire (2022, p. 244) comentam que ao mesmo tempo que há uma pressão para a inclusão de tecnologias em sala de aula para o melhoramento do ensino, há também a questão do *Phubbing* em sala de aula por parte dos alunos que acabam por não prestar atenção na aula por estarem distraídos pelo smartphone. Geralmente, quando é passado uma

atividade para os alunos a longo prazo, alguns discentes alegam a falta de tempo para a realização da atividade proposta, mas se analisarmos a média diária de uso das redes sociais dos alunos disponibilizado no aplicativo, logo percebemos que a realização das tarefas escolares é uma questão de preferência secundária, em relação a prioridade que é a atenção ao celular, dessa forma é comum a procrastinação entre os estudantes.

De acordo com Borelli (2022, p. 95) destaca que as redes sociais reforçam a sensação de recompensa e valorização por meio das curtidas nos posts e imagens que publicam, o que é potencialmente viciante. Considerando que a maturação do cérebro ocorre após os 20 anos de idade, os jovens têm mais dificuldade em controlar seus impulsos. Gracia *et al.* (2021, p. 7) ressaltam sobre os impactos gerados pelo *Phubbing* na relação aluno-professor, no rendimento escolar e saúde mental dos estudantes.

Apesar dos benefícios oriundos das tecnologias digitais, especialistas e estudiosos alertam quanto aos efeitos de uso excessivo dessas ferramentas por crianças e jovens, que pode ocasionar inúmeros problemas, tais como: dificuldade de concentração, baixo rendimento escolar e dificuldades nas habilidades de leitura e escrita. (CARVALHO; SANTOS, 2021, p. 12).

Prioste (2017, p. 76) comenta a despeito da maior popularização do acesso às mídias digitais na infância, contextualizando que no Brasil temos uma crônica e complexa realidade de fracasso escolar. Nesse viés, apesar do fácil acesso a tecnologias digitais informação e de comunicação em sala de aula, poucos alunos a utilizam para fins de pesquisa e estudo. A maioria dos alunos acessam recursos ou conteúdos que são tidos como irrelevantes, que não trazem contribuição alguma para a formação intelectual do aluno, pelo contrário são meras distrações.

Borelli (2022, p. 100) relata sobre a criação de expectativas irreais, que podem levar a diversos problemas, como a ansiedade e depressão em virtude do uso excessivo de redes sociais. Condotta (2017, p. 4-5) acredita que os jovens dessa geração “estão mais virtuais, mais iludidos, mais vazios, com pouco sentido de vida e por isso mais doentes de emoção”, o autor ainda pondera sobre o excesso do mundo virtual, pode resultar em homens mais infantilizados, acreditando em fantasias, se privando do mundo real e vivendo em um mundo virtual – irreal – um mundo paralelo.

Silva e Ting (2013, p. 235) deduzem que “o tecno estresse pode ser caracterizado pelo desejo incontrolável de estar ligado, plugado ou “conectado” o tempo todo, sem conseguir realizar cada tarefa separadamente e com devida atenção e concentração”. Portanto, o comportamento *phubbing* em sala de aula, gera impactos no processo de aprendizagem, pela procrastinação de atividades, dificuldade de concentração, baixo rendimento escolar, alienação, ansiedade, depressão, falta de interatividade interpessoal e comunicação no âmbito escolar.

Alternativas para mitigar essa problemática do *Phubbing* no ambiente escolar.

Primeiro, é necessário que *phubber* reconheça o uso abusivo do celular e repense quanto ao comportamento em sala de aula, deve haver interesse e autorreconhecimento do indivíduo sobre o excesso de atenção ao dispositivo móvel e a reflexão sobre os impactos que tal comportamento acarreta ao desempenho do aluno em sala de aula.

Em segundo plano, mudanças de hábitos no âmbito da convivência familiar, tais como: estimular metas para reduzir o uso do celular, definir horário de uso do aparelho, desligar o celular antes de dormir, evitar levar o celular à mesa durante as refeições, priorizar a convivência familiar, praticar atividade ao ar livre e ocupar-se com atividades que não demanda o uso de tecnologias (desenhar, ler, dançar, brincar, sair com os amigos), a família pode ajudar nesse processo, impondo limites quanto ao uso de tecnologias.

Os meios de comunicação, via tecnologias, vão substituindo ou distorcendo o papel dos pais e da escola, que muitas vezes desistem ou abandonam suas responsabilidades na transmissão de valores e verdades, permitindo que “outros” invadam seus direitos de privacidade em sua própria família e casa”. (EISENSTEIN, 2013, p. 219).

Em terceiro, no ambiente escolar, procurar interagir mais com os colegas de classe, deixar o celular desativado temporariamente, colocar o aparelho no modo silencioso, manter o dispositivo móvel guardado na bolsa durante a aula, desligar as notificações das redes sociais, manter a atenção na pessoa que conversa está com você (principalmente o professor durante a aula), a instituição de ensino pode impor regras ou normas internas, bem como pode promover palestras para a conscientização sobre o

phubbing. Corrêa *et al.* (2023, p. 5298) “Portanto, é importante que educadores busquem estratégias educacionais que forneçam informações sobre como o uso de smartphones em atividades de aprendizagem afeta o desempenho acadêmico dos alunos”.

E por último, a criação de leis que proíbam a utilização do celular em sala de aula ou estabeleçam restrições quanto ao uso frequente durante as aulas. Na tentativa de reduzir impactos na aprendizagem relacionados à má utilização dos smartphones, bem como para evitar o *phubbing* durante as aulas, diversas prefeituras e governos tem buscado cada vez mais proibir/inibir o uso do aparelho no ambiente escolar, por meio de decretos e leis estaduais, tais como no Amazonas (Lei Nº 125, 18/09/2012) ; Distrito Federal (Lei Nº 4.131, 02/05/2008); Rio de Janeiro (Lei Nº 5.222, 11/04/2008); Rio Grande do Sul (Lei Nº 12.884, 03/01/2008); Roraima (Lei Nº 016/16); São Paulo (Lei Nº 12.730, 11/10/2007) e Tocantins (Lei Nº 2.075, 06/07/2009). Nas escolas, são inúmeros os problemas vivenciados por professores e diretores em suas tentativas infrutíferas de controlar ou regular o uso inadequado por parte dos alunos. (ABREU, 2013, p. 144).

Em parágrafo único do 1º artigo da Lei Nº 12.884, de 03 de janeiro de 2008, assim como da Lei Nº 2.075 de 06 de julho de 2009, destaca-se “os telefones celulares deverão ser mantidos desligados, enquanto as aulas estiverem sendo ministradas”. Nesse contexto, evita-se o *phubbing* por parte dos alunos, uma vez que a atenção do discente ficará centrada à explicação dos conteúdos e atribuição de atividades do professor em sala de aula – havendo assim, maior retenção de conteúdos e interatividade durante as aulas, propiciando um ambiente de aprendizagem, não de distrações ou desvio de atenção.

Em São Paulo, o projeto de lei n. 293, de 2024 propõe a proibição do celular no ambiente escolar, apontando como justificativa a diminuição significativa na capacidade de concentração e desempenho acadêmico causado pela distração digital, assim como pelo comprometimento da interação social no que se refere a atenção aos amigos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com a pesquisa constatou-se que 58% dos alunos já sofreram o *phubbing* em casa, principalmente pelos pais, em segundo lugar no ambiente escolar; 51% costumam verificar o celular nas aulas; nos tempos de matemática e português ocorre com mais frequência; dentre as motivações de tal comportamento: tédio, costume, curiosidade,

ansiedade, isolamento; 60% dos alunos entrevistados já praticaram e 90% já sofreram o *phubbing*; 67% dos discentes disseram que usam o celular em sala para o acesso as redes sociais, sendo que somente 28% sinalizaram utilizar como ferramenta de pesquisa.

Cerca de 59% dos professores sinalizaram que desconheciam o termo *phubbing*. 65% dos docentes responderam que são contra o uso do celular em sala de aula, ao passo que 75% acreditam que a utilização do celular pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem se for utilizado de forma consciente. A pesquisa mostrou que 98% dos educadores já se sentiram incomodados com a atitude dos alunos durante as aulas, 96% dos professores relataram que os alunos que passam mais tempo no celular são os que possui baixo rendimento em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nota-se que reflexo desse comportamento na sala de aula ocorre em detrimento da falta de controle ou excesso do uso do celular em casa. Participar de atividades ao ar livre com amigos e a família, impor limites de uso, colocar o aparelho em modo silencioso ou guardá-lo durante a aula, preferir conversar de forma presencial a de forma virtual e evitar usar o celular durante as refeições, podem colaborar para fortalecer a interação social tanto em casa, assim como no ambiente escolar. Para amenizar a prática do *phubbing* em sala de aula, torna-se necessário ações subjetivas e coletivas em um processo gradativo de mudanças, a começar pelo indivíduo que pratica o comportamento *phubbing*, mudanças de hábitos familiares, implementação de normas escolares e criação de leis que proíbam o uso de tecnologia móvel durante as aulas.

Palavras-chave: *Phubbing*; Tecnologia, Comportamento, Comunicação, Aprendizagem.

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos aos docentes e discentes que participaram da pesquisa, que de forma voluntária foram essenciais para a realização do trabalho e aprofundamento do estudo desenvolvido.

REFERÊNCIAS

ABREU, C. N.; EISENSTEIN, E.; ESTEFENON, S. G. B. Vivendo esse mundo digital: Impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: **Artmed**, 2013.

BORELLI, A. Crianças e adolescentes no mundo digital: Orientações essenciais para o uso seguro e consciente das novas tecnologias. 1 ed. Belo Horizonte, MG: **Autêntica Editora**, 2022.

CARVALHO, S. M. P.; SANTOS, M. A. B. Tecnologias digitais, mocinhas ou vilãs? Olhares sobre o impacto na cognição dos estudantes. **Revista de Estudos e Pesquisas sobre Ensino Tecnológico**, v. 7, 2021.

CONDOTTA, J. L. O mundo virtual para a psiquiatria. **Rev. INTERESPE.**, n. 9, dez. 2017.

CORRÊA, M. T. B. *et al.* Projeto de enfrentamento a nomofobia no ambiente escolar. **Contemporânea – Revista de Ética e Filosofia Política**, v. 3, n. 6, 2023.

COSTA, P. R. Impactos da captologia: problemáticas, desafios e algumas consequências do “dar vistas” ao ecrã em rede. **Revista Sociologia On Line**, n. 23, p. 74-94, ago. 2020.

EISENSTEIN, E. Crescimento Biopsicossocial Virtual. In. ABREU, C. N. *et al.* (org.). Vivendo esse mundo digital: Impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: **Artmed**, 2023

GRACIA, H. *et al.* La presencia de phubbing en estudiantes del nivel superior. **Panorama**, v. 15, n. 28, 2021.

GÓMEZ, J. El “phubbing”, otra amenaza contra las relaciones interpersonales y laborales, 2013.

MARTINEZ-ROIG *et al.* La tecnoferencia en el ámbito familiar. La percepción de los padres en torno al uso del teléfono móvil y las interacciones con los hijos. **REALIA: Research in Education and Learning Innovation Archives**, n. 31, p. 66-88, 2023.

PRIOSTE, C. O homo zappiens e o uso dos dispositivos digitais televisuais: possíveis impactos no processo de alfabetização. **Conhecimento & Diversidade**, Niterói, v. 9, n. 18, p. 73-88, jul./set. 2017.

SANTOS, A. A. As relações entre personalidade, comportamento de Phubbing e uso do Instagram de brasileiros. 2023. 73 f. Dissertação (Mestrado de Psicologia) – **Universidade Federal do Amazonas**, Manaus (AM), 2023.

SILVA, E. J. C.; TING, E. Tecno estresse e o cérebro em desenvolvimento. In. ABREU, C. N. *et al.* (org.). Vivendo esse mundo digital: Impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: **Artmed**, 2023.

SILVA, P. K. L. A escola na era digital. In. ABREU, C. N. *et al.* (org.). Vivendo esse mundo digital: Impactos na saúde, na educação e nos comportamentos sociais. Porto Alegre: **Artmed**, 2023.



SOARES, S. C.; ANGELUCI, A. C. B.; AZEVEDO, A. B. Phubbing e mídias móveis na escola: reflexos no comportamento comunicacional de nativos digitais. **C&S** – São Bernardo do Campo, v. 42, n. 2, p. 177-210, mai.-ago. 2020. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-etodista/index.php/CSO/article/view/10247>>. Acesso em: 08 ago. 2024.

TEIXEIRA, I. N.; FREIRE, S. E. A. *Phubbing* e dependências tecnológicas: uma revisão sistemática da literatura. **Interação em Psicologia**, v. 26, n. 2, 2022.